

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

Partilhas docentes no EARTE

cor e arte afro-brasileira na Educação Infantil

Resumo: O contexto deste artigo é narrar o desenvolvimento de nossa experiência na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado no Ensino da Arte na Educação Infantil em um momento no qual não tivemos chance de vivenciar fisicamente as atividades na escola. Assim, tornou-se necessário repensar novos caminhos para obter resultados que atendessem nosso objetivo, pois nós paramos, mas o tempo não. O texto objetiva discutir os resultados dessa experiência suscitando questões positivas e negativas do ensino remoto, o que e como desenvolvemos nossas atividades docentes dentro do contexto virtual, bem como demonstrar como unimos o conteúdo cor com obras de artistas que tratam da temática étnico-racial e o quão importante é trabalhar esse tema nas ações docentes da Educação Infantil. O estudo tem caráter qualitativo e subjetivo e dialoga principalmente com as seguintes referências: Lombardi e Bologna (2021), Cavalleiro (2006), Pimenta e Lima (2012), Martins (2006), Martins e Picosque (2008), Moura (2016), Ostetto (2011), Saraiva (2017), entre outras/os. Finaliza inferindo que os diálogos construídos neste artigo entre os nossos processos mentais durante a elaboração dos planos de atividades e as pesquisas das/os autoras/es mencionados possam reverberar novas perspectivas e concepções acerca das ações docentes. Compreende-se nossas partilhas aqui como uma maneira de enxergar possibilidades outras de vivenciar a docência.

Palavras-chave: Experiência. Cor. Arte Afro-brasileira. Educação Infantil. Pandemia.

Teacher sharing at EARTE

Color and Afro-Brazilian art in early child education

Abstract: The context of this article is to narrate the development of our experience in the subject of supervised curriculum internship in art teaching on child education, in a moment to which we didn't have the chance to physically experience the activities at school. There for, it became necessary rethink new ways to obtain results that would meet our objective, because we stopped, but the time didn't. The text aims to discuss the results of this experience raising positive and negative questions about remote education, which is how we develop our docents activities within the virtual context, well as demonstrated how we united color content with artists' works that deal with the ethnic-racial thematic and how important is to work with this theme in the teaching actions of Childhood Education. The study has a qualitative and

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

subjective character and dialogues mainly with the following references: Lombardi and Bologna (2021), Cavalleiro (2006), Pimenta and Lima (2012), Martins (2006), Martins and Picosque (2008), Moura (2016), Ostetto (2011), Saraiva (2017), among others. It concludes by inferring that the dialogues built in this article between our mental processes during the preparation of activity plans and the researches of the mentioned authors can reverberate new perspectives and conceptions about teaching actions. Our sharing is understood here as a way to see other possibilities of experiencing teaching.

Keywords: Experience. Color. Afro-Brazilian art. Child education. Pandemic.

1 Introdução

Nossa trajetória começa no EARTE – Ensino Aprendizagem Remoto, Temporário e Emergencial – da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, durante o semestre 2020/2 e este artigo apresenta a experiência que se deu durante a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado no Ensino da Arte na Educação Infantil. Ele foi realizado durante o momento de pandemia, em que o sistema educacional foi adaptado temporariamente para o esquema remoto, já que o acesso e permanência na Universidade e nas Escolas ficou comprometido devido ao alto risco de contágio do Covid-19.

Nesse contexto, fomentamos perguntas que nos inquietaram como: por onde andam as experiências em territórios de projeções virtuais? Em que vias se convergem, comunicam e produzem provocações? Como vivê-las em um momento de tamanha efemeridade de conexões reais?

Em um momento que tivemos de nos adequar ao quase improvável, no tempo do intocável, as possibilidades de experiências se transformaram em nosso maior desafio. Superar a superficialidade das vivências remotas e produzir discussões sinceras acerca da Educação Infantil tendo que lidar ao mesmo tempo com os medos e incertezas que a pandemia acarretou não foi fácil. Nada foi superado e sim, suportado. Porém a oportunidade de descrever sobre essa

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

experiência insólita nos dá a chance de ressignificar de alguma forma as recordações esmaecidas das aulas virtuais, revisitar conhecimentos e eternizá-los em novos sentidos possíveis.

Para tanto, acionamos como referenciais teóricos em nossas discussões autoras e autores como Cavalleiro (2006), Lombardi e Bologna (2021), Pimenta e Lima (2012), Martins (2006), Martins e Picosque (2008), Moura (2016), Ostetto (2011), Saraiva (2017), entre outras/os.

No primeiro momento do estágio realizamos uma cartografia afetiva, elaborada por meio de entrevista virtual com uma professora de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) do município de Vitória, pois era necessário sabermos informações sobre a escola e principalmente sobre as crianças, haja vista a necessidade de que fosse desenvolvido em nós como estudantes e futuras professoras algumas “[...] habilidades para o conhecimento e a análise das escolas, espaço institucional onde ocorre o ensino e a aprendizagem, bem como das comunidades onde se insere” (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 20).

Desse modo, descobrimos que o Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI era pequeno, possuía sala de artes e as crianças adivinham de famílias carentes que não costumavam ter participação ativa no acompanhamento da vida escolar dos filhos e filhas. Questionávamos então como seria esse tipo de acompanhamento de forma virtual, haja vista que o acesso das crianças da Educação Infantil aos equipamentos tecnológicos se dá por meio da intervenção do adulto.

Outro aspecto importante para destacarmos foi o interesse pelo conteúdo que trabalharíamos. Esse envolvimento pela temática se iniciou a partir da entrevista com a professora, pois segundo ela era possível trabalhar com todos tipos de materiais com as crianças, mesmo que de maneira virtual. Assim, nosso desejo era explorar as tintas pois já faziam parte do material geral da escola e, a partir delas associarmos ao conteúdo cor.

Concomitantemente à nossa aproximação, mesmo que virtual, da professora e do CMEI, desenvolvíamos em nossas aulas outros estudos e proposições para pensarmos o universo

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

infantil em diálogo com o ensino da arte e, nesse sentido, uma das ações pedagógicas propostas foi a elaboração de um material educativo voltado para crianças da Educação Infantil.

Fomos juntando as peças do quebra-cabeça que se formava em nossas mentes, ou seja, queríamos a temática cor, tínhamos que fazer um material educativo e por fim, queríamos discutir questões étnico-raciais por meio de artistas negras e negros.

Destarte, elaboramos um material que consistia em um jogo da memória composto por um dado com o nome de vários artistas negras e negros, bem como as imagens de suas obras.

Organizamos uma sequência didática com o objetivo de trabalharmos o conteúdo cor, e assim, possibilitarmos a ampliação do repertório artístico e imagético das crianças, de modo que conhecessem a produção de artistas negras/os que utilizam cores intensas em suas poéticas, além de realizarem trabalhos que exploram temáticas raciais e religiosas, temas estes que nos atravessam em vários momentos. Ademais, objetivávamos oportunizar às crianças a vivência do processo de criação de pinturas e colagens.

Nessa perspectiva, este artigo se organiza da seguinte forma: após a Introdução refletiremos sobre as questões étnico-raciais na Educação Infantil dialogando com as/os autoras/es que discutem essa temática. Em seguida apresentaremos o jogo da memória que produzimos para ser utilizado como material educativo e depois, demonstraremos como planejamos a sequência de atividades para trabalharmos com as crianças. Por fim apresentaremos nossas considerações acerca de toda a experiência vivenciada de forma remota durante a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado no Ensino da Arte na Educação Infantil, suscitando questões positivas e negativas do ensino remoto e como desenvolvemos nossas atividades docentes dentro do contexto virtual. Ademais, inferimos sobre a importância da temática étnico-racial e o quão importante é trabalhar esse tema nas ações docentes com as crianças pequenas.

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

2 Questão étnico-racial na Educação Infantil

É possível trabalhar questões raciais com crianças? Artistas negras/negros estão entre as referências estudadas na Educação Infantil?

De acordo com a entrevista que realizamos com a professora da educação básica e supervisora do estágio, a questão étnico-racial ainda era um assunto que não se aprofundava, por ser considerado algo difícil de abordar com as crianças. Isso nos incitou a pensar sobre o conteúdo cor, e assim, pudemos unir a ele a oportunidade de trabalhar com obras de artistas negras e negros.

Nessa perspectiva, concordamos com as autoras Lombardi e Bologna (2021, p. 77) quando apontam que “[...] A história que nos foi ensinada partia unicamente de uma perspectiva eurocêntrica”. Assim, compreendemos a real necessidade de levarmos para o conhecimento das crianças artistas negras/os que permanecem invisibilizados pelo racismo por não se enquadrarem nos padrões hegemônicos europeus que são aceitos. Fundamentadas em Moura (2016), ressaltamos que essas produções acabam não chegando nas salas de atividades, pois

[...] a ‘Arte’ e as imagens que passaram pelo funil são aquelas produzidas por: homem, branco, pai de família, católico, proprietário, letrado e heterossexual. São as imagens euro/nortecêntricas que estão no repertório dos Professores de Artes Visuais, da formação inicial acadêmica à atuação na Educação Básica em espaços formais, não-formais e informais de educação (MOURA, 2016, p. 309, grifo do autor).

A falta de referências afro-brasileiras na formação inicial de professores reverbera dentro das salas de atividades, tornando-se um problema significativo pelo fato de as crianças negras não se verem representadas e por “[...] ainda existirem no contexto da educação de crianças ações que reforcem o racismo, o preconceito e as injustiças sofridas pelo povo negro” (LOMBARDI; BOLOGNA, 2021, p. 74).

Cavalleiro (2006) em pesquisa de campo realizada na Educação Infantil pode observar que:

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

Se, por um lado, há um discurso que afirma a inexistência do preconceito na escola, por outro, há um indicativo de que as crianças já na fase pré-escolar percebem as diferenças étnicas. Segundo as próprias professoras, as crianças já podem reconhecer as diferenças, a partir do momento em que ingressam na pré-escola, aos quatro anos (CAVALLEIRO, 2006, p. 52).

Concordamos com Cavalleiro (2006) quando ela afirma que “as crianças já na fase pré-escolar percebem as diferenças étnicas”, então, por considerarmos importante levar a temática étnico-racial, bem como a arte afro-brasileira para sala de atividades, optamos por trabalhar com obras de artistas como Jess Oliveira, Kika Carvalho e Rubem Valentim que, em suas produções, exploram as questões étnico-raciais e religiões afro-brasileiras por meio da arte.

Segundo Lombardi e Bologna (2021):

Ao reconhecer o problema do racismo na escola, observamos que um dos caminhos possíveis para o combater desde a primeira infância seja o de proporcionar uma educação antirracista que considere a criança como sujeito de direitos, exploradora e brincante, capaz de aprender por meio de linguagens expressivas e artísticas, produzindo cultura (LOMBARDI; BOLOGNA, 2021, p. 78).

Coadunando com as autoras, compreendemos que poderíamos apresentar artistas negras e negros para as crianças, ampliando seus repertórios imagéticos e possibilitando que fugissem da perspectiva eurocêntrica, pois de acordo com o que pudemos perceber, ela continua sendo reproduzida no ensino de arte na Educação Básica e também no ensino superior.

Buscamos inicialmente artistas que nos eram próximas, ou seja, artistas locais. Assim, uma das artistas que utilizamos como referência foi Kika Carvalho, capixaba e uma das primeiras mulheres a se destacar no cenário do grafite no Espírito Santo.

Em suas produções Kika Carvalho trabalha temáticas raciais com atravessamento de gênero. Entretanto, como queríamos criar conexões ente a artista e o conteúdo cor, optamos por trabalhar com obras em que a artista utiliza diversos tons de azul (Imagem 01), inclusive na pele das pessoas, fazendo ligação ao fato do azul ser uma cor que representa riqueza na história da arte e por estar ligada historicamente ao continente africano. Também optamos por trabalhar com a série “Brasões” (Imagem 02), que retrata, através da pintura, imagens de pipas

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

produzidas pela artista para explicar para seus alunos o significado de brasões. Nessas produções ela utiliza os brasões tendo como referência os Orixás de religiões de matrizes africanas.

Imagem 01. *Sem Título (Série Saci), 2020.*



Fonte: Internet¹

Imagem 02. *Brasão n° 7, 2020.*



Fonte: Internet²

Na sequência, selecionamos outra artista: Jess Vieira, que reside na Bahia. A artista costuma trabalhar o feminino em suas produções, explorando as diversidades das mulheres negras do Brasil, representando-as em lugares naturais e fazendo referência aos povos originários. Em uma das obras escolhidas por nós, Jess Vieira busca referência na “Irmandade da Boa Morte” (Imagem 03), que é uma das confrarias mais antigas do Brasil, composta somente por mulheres e que, no passado, se organizavam para comprar a alforria de outras membras que ainda estavam sendo escravizadas.

¹ Disponível em: <https://www.piscina-art.com/blog/2020/10/2/perfil-kika-carvalho>. Acesso em: 15/07/2021.

² Disponível em: https://www.instagram.com/p/CFm2v4yDmju/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 15/07/2021.

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

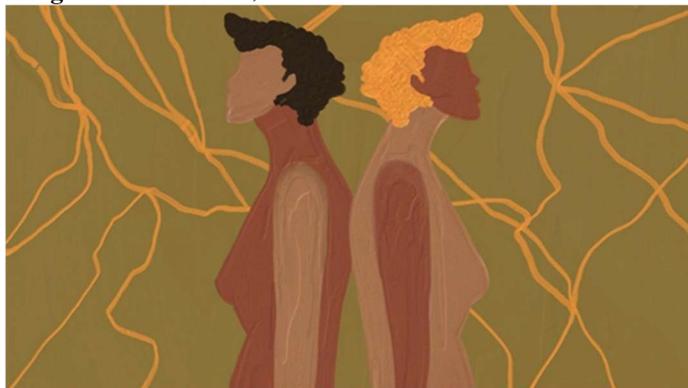
Nas obras de Jess Vieira, as cores se entrelaçam junto das narrativas de seres que podem vislumbrar valor em sua existência, de corpos que persistem e podem reconectar-se através da sua arte. Ela explora nas/os personagens sombras e nuances entre os tons de pele amarronzados que se integram com as paisagens abstratas no fundo em tons terrosos diversos. E é através das cores que ela expressa a importância destes corpos no mundo que por muitos séculos foram inconcebíveis de existir na história da humanidade. Propõe assim, a volta ao lar, voltar a si e aos seus, reestabelecer suas raízes da mesma forma como a natureza subsiste, recontar essa história pela ótica dos que não puderam antes serem reconhecidos como parte de uma história. Nas obras escolhidas, as cores quentes como o amarelo e vermelho se encontram as vezes ao fundo ou em detalhes nas vestimentas dos personagens e que se conectam com suas narrativas intrínsecas e que perpassam por ela. Na obra “Caminhos” (Imagem 04), Jess questiona através da mistura entre os tons de pele sobre o processo tenebroso que implicou a miscigenação no Brasil.

Imagem 03. *Irmandade Viva*, 2020.



Fonte: Internet⁴

Imagem 04. *Caminhos*, 2020.



Fonte: Internet³

³ Disponível em: <https://jessvieira.com/advertising-1>. Acesso em: 15/07/2021.

⁴ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/quase-brancos-quase-pretos/#page10>. Acesso em: 15/07/2021.

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

Por fim, o último artista cujas obras utilizamos (Imagens 05 e 06) foi Rubem Valentim. Artista baiano, teve seus trabalhos classificados como produções construtivistas, porém enquanto estava vivo nunca se integrou a nenhum movimento artístico.

Em suas esculturas, gravuras, objetos e pinturas estão presentes referências da cultura popular africana, que fez parte de suas produções durante toda a vida. Suas obras são abstratas com presença de formas geométricas - de elementos utilizados nos cultos de candomblé, como os Orixás - e cores fortes e chapadas que se contrastam.

Imagem 05. *Emblema IV, 1990.*



Fonte: Internet⁵

Imagem 06. *Emblema, 1987.*



Fonte: Internet⁶

Optamos pelas obras apresentadas das artistas e do artista pelo fato de termos a possibilidade de apresentarmos cores diversas para as crianças, de modo que elas pudessem ter facilidade para assimilá-las nas produções.

⁵ Disponível em: <https://laart.art.br/gravura/rubem-valentim-emblema-iv/>. Acesso em 15/07/2021.

⁶ Disponível em: <https://followthecolours.com.br/art-attack/follow-convida-duda-lanna-as-obras-de-rubem-valentim/>. Acesso em 15/07/2021.

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

Pensar e trazer reflexões acerca dessa temática é engrandecer as perspectivas de uma etnia que por muito tempo se encontrou enclausurada, sufocada e invisibilizada por conta de uma vontade de dominação do povo branco, europeu, que se concentrou em extinguir toda e qualquer manifestação de ser que não correspondesse aos delírios do seu imaginário, se consolidando como soberano através de artifícios assombrosos, em um sistema brutal e injusto criado para perpetuar as opressões e desigualdades raciais sem precisar de alguma explicação racional.

E dentro deste contexto em que explorar essas conexões decoloniais, reconstituir os percursos culturais, religiosos e sociais da população negra é indispensável nas escolas e principalmente na Educação Infantil, na qual a criança já consegue perceber as diferenças étnicas, como apontado anteriormente por Cavalleiro (2006). Nessa fase também inicia a formação de identidade e subjetividade das crianças negras, assim como Góes e Rosa (2021, p. 4) apontam:

A Educação e a pesquisa para e com crianças pequenas e suas interfaces com as questões étnico-raciais é fundamental para a construção e afirmação da identidade étnico-racial. É um trabalho de base, de significativa importância para a formação humana, pois muitas crianças foram (e ainda são) excluídas, invisibilizadas, pré-determinadas e acabadas, devido às práticas e aos efeitos do racismo que demarca a nossa sociedade.

Potencializar atividades educativas que inspiram representatividade e empoderamento das crianças negras é estimular a liberdade de ser e enaltecer seu tom de pele, cada traço e características que os compõem como sua liberdade de sonhar, de amar e ser amado, seu direito de construir e contar suas próprias narrativas. “Mesmo a cultura africana tendo sido negada e desvalorizada, é uma cultura que resiste e se reinventa constantemente” (LOMBARDI; BOLOGNA, 2021, p. 76). Compreendemos que ela se torna ainda mais potente quando sua visibilidade é difundida, seja através da arte, da história, da música, da poesia dentre outras linguagens, pois possibilita romper as barreiras de dominação construídas pelas sociedades

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

européias e finalmente vislumbrar um futuro em que a equidade possa deixar de ser um ideal e se transformar em algo real.

3 Jogo da Memória: Artistas negras/o e cores

Ressaltamos que uma das ações pedagógicas propostas pela professora da disciplina de Estágio, foi a elaboração de um material educativo voltado para crianças da Educação Infantil. Devido a pandemia, pensamos várias possibilidades para a elaboração desse material, já que não pudemos vivenciar presencialmente o estar em sala interagindo com as crianças. Os principais norteadores para a elaboração do material foram as discussões das aulas remotas e o contato com referências como Lombardi e Bologna (2021) que defendem que:

[...] o planejamento e realização das práticas deve ter a criança pequena como centro da proposta, respeitando seu modo singular, poético, curioso e brincante de ser e estar no mundo. Isso significa mediar experiências de conhecimento e apreciação de expressões artísticas africanas e afrodescendentes por meio do jogo, [...] da apreciação de obras visuais, histórias e contos, dos fazeres com desenho, colagem, pintura, planejando cuidadosamente os objetivos em adequação às faixas etárias, as materialidades, os espaços da escola (LOMBARDI; BOLOGNA, 2021, p. 72).

Consideramos então, as ações que fazem parte do universo da criança, como o brincar, imaginar, criar e recriar. Assim, optamos por criar um jogo da memória como material educativo por compreendermos que elas poderiam aprender brincando, ou seja, durante o jogo teriam contato com imagens de obras de arte, em que artistas trabalham com várias cores.

De acordo com Martins e Picosque (2008) o jogo possui o potencial “[...] de romper com a lógica do cotidiano, de criar uma interação entre a realidade e a imaginação, espaço essencial de simbolização” (MARTINS; PICOSQUE, 2008, p. 79). Pensamos no jogo como algo que pudesse estar ligado ao processo de mediação, o que Martins e Picosque (2008) chamam de “jogos de mediação” e consideram que:

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

[...] são mais do que jogos, pois desejam potencializar a experiência estética por meio de uma atitude lúdica. [...] É uma relação construída no meio de vários 'entre', como o educador/mediador, o fruidor, os fruidores entre si, a obra, o artista, os meios de acesso a ela, a história já vivida anteriormente etc... (MARTINS; PICOSQUE, 2008, p. 82, grifo das autoras)

Pensar o entendimento e aprofundamento das dimensões educacionais na educação infantil através dos jogos e brincadeiras compreendem muito mais significados, pois se encontram em um "entre" sentidos estéticos e estésicos, que se consolidam em vivências recordáveis e que poderão ser acessadas durante toda a vida. O brincar na Educação Infantil é um território abundante em investigações, e estarmos neste território ao lado das crianças é imprescindível para que provocações e indagações possam surgir durante esse processo e resultando em potentes reverberações.

Nossa proposta se constituiu então, em três atividades, com os seguintes objetivos: compreender questões relacionadas às cores como fomento para o trabalho criativo e prático (com os materiais educativos); conhecer e reconhecer o elemento visual “cor” em seu cotidiano e no formato de jogo da memória, por meio de imagens de obras de artistas brasileiros contemporâneos que utilizam paletas de cores vibrantes; expor e observar o que as crianças produziram a partir dos conhecimentos explorados nas atividades anteriores sobre as cores e como elas se mostram nas experiências de produções artísticas; explorar questões antirracistas por meio da arte, da literatura e da representatividade de artistas negros/as.

A sequência didática foi pensada para o ensino presencial, para que pudéssemos estar com as crianças durante a contação da história, a roda de conversa e a execução da atividade, podendo fazer a mediação, que foi um assunto recorrente durante as aulas de estágio.

A mediação como um alicerce no processo de possibilitar experiências para os que vivenciam e também para os que as propõem. O professor mediador precisa “estar entre” muitos e como Martins (2006) pontua precisamente em seu texto sobre curadoria educativa que:

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

Na mediação, entre tantos, estamos atentos às falas, aos silêncios, às trocas de olhares, ao que é desvelado e velado, aos conceitos e repertórios que ditam os gostos, os modos de pensar, perceber e deixar-se ou não envolver pelo contato, com a experiência de conviver com a arte (MARTINS, 2006, p. 3).

Reiteramos a discussão de Martins (2006), pois o ambiente escolar é o local apropriado e propício de garantir que todas essas possibilidades de experiências, as brincadeiras e interações sociais entre as crianças e o adulto aconteçam, pois de acordo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC “[...] as crianças devem vivenciar experiências nas quais possam construir e se apropriar de conhecimentos por meio de suas ações e interações com adultos e outras crianças, o que possibilita a aprendizagem e o desenvolvimento (BRASIL, 2017 *apud* GONÇALVES; BRITTO, 2020, p. 40).

Entendemos que as possibilidades de experiências dependem também do quanto temos a oferecer, do que carregamos em nossos repertórios, em nosso “[...] arquivo dinâmico de experiências reais e simbólicas”, acervo pessoal de valores, concepções e sentimentos que de certa forma orientam a atribuição de significados e sentidos ao vivido (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 21 *apud* OSTETTO, 2011, p. 4).

Nossa ação presente depende do esquema de valores e significações adquiridas anteriormente. É necessário ir além do significado, porque a aprendizagem só acontece quando atribuímos sentido ao que é vivenciado, mas para existir o sentido é necessário termos tempo para viver a experiência e provocar esse conhecimento nas crianças, para que elas possam vivenciar sua própria experiência.

Compreendemos que a nossa trajetória como professor/a/pesquisador/a não pode terminar na universidade. Essa formação é um caminho de muitas vias, muitas possibilidades e inconstâncias, nossas práticas pedagógicas necessitam do hábito da investigação constante, do estarmos sempre disponíveis a aprender, dialogando com Ostetto (2011):

Implica em considerar especificidades de um campo de conhecimento que não se define pela norma, pois não há regras fixas no modo de produção da arte, suas linguagens são territórios sem fronteiras. Pesquisar, mergulhar no desconhecido para

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

testar novos materiais e formas, experimentar diferentes elementos ainda não apropriados, integram o fazer artístico (OSTETTO, 2011, p. 3).

Nessa perspectiva, não seguir somente um caminho por sentir a segurança de seus resultados ao final da trajetória é fundamental, pois o caminho pode ser entendido como o lugar onde reside nossas trajetórias pedagógicas, um lugar de possibilidades e experiências, um lugar comum entre os educadores e que não caminham só. É um percurso que precisa ser realizado juntamente com as crianças. Assim, cabe a nós escolhermos os caminhos que nos são familiares, por onde já percorremos antes e sabemos o que nos aguarda ou caminhos desconhecidos por onde residem os medos e incertezas, mas que também nos oferece novas possibilidades de vivências e sentidos. Concordamos com Ostetto (2011) quando afirma que:

De modo geral, no campo educacional, tomamos rumo diverso: caminhamos amparados por certezas pedagógicas, um porto seguro das regras e modos de fazer, e então temos medo do desconhecido, do que não podemos controlar, do campo do afeto, da fantasia e da sensibilidade, por exemplo (OSTETTO, 2011, p. 4).

Concordamos com Ostetto (2011) sobre termos “medo do desconhecido”, entretanto as “certezas pedagógicas” existentes até o momento, foram e ainda estão se dissolvendo com os novos modos de aulas virtuais. Assim, torna-se fundamental destacar que todas as nossas proposições estavam no campo das ideias, pois a atividade remota nos impedia de experimentar o que planejávamos com as crianças. Entretanto demos continuidade ao nosso plano de atividades inserindo nele o material educativo que produzimos.

Conforme pontuamos, para a elaboração do jogo realizamos uma curadoria educativa e optamos por explorar as obras de três artistas que nos são muito caras/os: Jess Vieira, Kika Carvalho e Rubem Valentim. Assim, utilizamos imagens de 4 obras de cada artista para estarem nas cartas do jogo e construímos um dado com os nomes delas/e (Imagens 07 e 08).

Partilhas docentes no EARTE
 cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

Imagem 07. Cartas e dado do material educativo.



Fonte: Das autoras

Imagem 08. Cartas e dado do material educativo.



Fonte: Das autoras

O jogo continha o total de 12 cartas: 4 cartas com a imagem de 4 obras de cada artista (Jess Vieira, Kika Carvalho, Rubem Valentim), e também um dado com os nomes das artistas e do artista.

Pensamos no jogo como possibilidade para se trabalhar em grupos na sala de atividades, com crianças na faixa etária de 5 anos, de modo que dividíssemos as crianças em 4 grupos e pudéssemos fazer a mediação.

Durante o jogo as cartas ficariam viradas com a imagem para baixo. Um jogador do grupo jogaria o dado e outro jogador do mesmo grupo teria que encontrar a carta com a obra da/o artista que saiu no dado. Após encontrar a carta correta, os membros do grupo fariam as cores que estavam presentes na obra para os colegas de jogo dos outros grupos e guardariam a carta consigo. Caso não encontrassem a carta do artista que apareceu, o grupo passaria a vez e se só restasse obras de um único artista, os grupos poderiam continuar jogando sem necessidade de jogar o dado antecipadamente, até acabarem as cartas. Venceria o grupo que tivesse maior quantidade de cartas no final.

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

Esse jogo foi elaborado com o objetivo de que as crianças pudessem ampliar seus conhecimentos sobre cor e também, tínhamos o intuito de garantir que as crianças pudessem apreciar (ao observarem as cartas do jogo) produções de artistas negras e negro que trabalham com temáticas étnico-raciais. Segundo Saraiva (2017, n.p) as crianças, “[...] ao apreciarem as imagens, parecem entrar em uma floresta poética, para a qual levam consigo o que viram. Desta imersão, da relação que estabelecem, criam pontes para com suas próprias vivências e, também, para com os mundos por elas imaginados”.

Nesse contexto de reflexões e proposições, elaboramos um plano de atividades para ser desenvolvido em 3 encontros e nele, faríamos a inserção do material educativo – Jogo da memória que elaboramos.

No primeiro encontro pretendíamos, inicialmente, mostrar a percepção das cores no ambiente cotidiano (com um simples acender e apagar das luzes), apresentaríamos questionamentos acerca do tema cores, como por exemplo, “Vocês sabem como as cores surgem?”. No segundo momento mostraríamos um breve vídeo intitulado “Cores” (2009)⁷, que tratava do tema em formato de contação de histórias e, em diálogo com esse vídeo, mostraríamos também o filme “Lápis de cor” (2014)⁸, assistido durante as aulas de estágio.

O vídeo “Cores” (2009) é uma animação que trata do surgimento das cores em uma narrativa que as personifica com características comportamentais, lugares para morar, casamentos e nascimento de crianças. No caso, nascem novas cores vindas das famílias presentes na história. No final do vídeo as cores primárias são apresentadas, demonstrando que com a mistura dessas cores surgem as secundárias.

Já o vídeo “Lápis de cor” (2014), inicia relacionando as cores a elementos da natureza e do cotidiano, até chegar à problematização que vem com a cor salmão, que é erroneamente chamada de cor de pele. O vídeo apresenta uma entrevista com crianças negras sobre suas

⁷ Disponível em: <http://www.youtube.com.br/watch?v=JltpE--nk5E>. Acesso em: 04/05/2021.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xc0mmU99Y-k>. Acesso em: 04/05/2021.

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

características: são lançadas perguntas sobre seus traços, cabelo e cor de pele. As respostas vindas das crianças são negativas e algumas narram experiências de cunho racistas que já ouviram de seus colegas de escola, como por exemplo, os apelidos.

Através do desenho é proposto que essas crianças negras desenhem o que gostariam de ser, porém, a grande maioria se representa com pele clara, olhos verdes e com cabelos lisos ou cacheados. Assim, surge a conversa com cada uma delas sobre a representação que foi feita e no final é passada a mensagem sobre a importância de percebermos a variedade de características existentes em cada pessoa e também, a valorização da beleza negra.

Voltando para nosso plano de atividades, no terceiro momento, nossa proposta era realizar uma roda de conversa com as crianças, para falarmos sobre as artistas, o artista e suas obras. Nosso intuito, além de contextualizar a vida e obra das/o artista com as experiências de vida das crianças, era realizar uma leitura de imagens chamando atenção das crianças, principalmente para a forma como cada artista utiliza as cores. Pois segundo Rossi (2015) a leitura de imagens se inicia no primeiro ano de vida, já que pelo intermédio indireto de adultos, desde cedo as crianças entram em contato com linguagens visuais, seja através de embalagens, revistas, livros, tvs e outros. Ainda de acordo com a autora “[...] o contato com imagens é importante no momento em que a criança está construindo a ideia do que é uma imagem e do modo como funciona a representação. Ela aprende a dar sentido ao que vê nas interações com o meio” (ROSSI, 2015, p. 217).

No quarto momento utilizaríamos o “Jogo da Memória: Artistas e cores” (Imagens 09 e 10), produzido como material educativo, de modo que as crianças pudessem observar as cartas do jogo, com imagens das obras e em seguida mediaríamos a atividade, até porque, na Educação Infantil, majoritariamente as crianças não leem textos verbais, apenas visuais.

Partilhas docentes no EARTE
 cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

Imagem 09. Jogo da Memória “Artistas e cores”



Fonte: Das autoras

Imagem 10. Demonstração do Jogo da Memória



Fonte: Das autoras

No segundo encontro pretendíamos, inicialmente, relembrar as cores vistas, com as cartas do jogo da memória e, posteriormente, realizaríamos uma proposta de criação de obras com as crianças, a fim de que elas pudessem “[...] *criar* outras imagens, a partir da obra. Por meio da imaginação poética, tornam-se também artistas, criadoras – isto porque a poética da arte não se encerra em si mesma; ela se estabelece no encontro com o espectador e o convida a criar” (SARAIVA, 2017, n.p, grifo da autora).

Nesse contexto, ofereceríamos materiais diversos (tintas guaches, pincéis variados, cola branca, tesoura, papel (cartolina ou papel cartão e sulfite de cores diversas) para produzirem suas próprias pinturas e colagens, como forma de aprendizagem acerca das cores e nós auxiliaríamos no que fosse necessário.

Para o último encontro, pensamos na elaboração de uma exposição para que as crianças observassem e refletissem sobre os trabalhos das/os colegas e, em seguida, a partir de uma roda de conversa contaríamos a história do livro “O mundo no *black power* de Tayó”, da autora Kiusam de Oliveira e ilustrações de Taisa Borges, por ser um livro com ilustrações coloridas,

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

por tratar da temática étnico-racial de forma positiva e do empoderamento da personagem principal, fortalecendo assim, a identidade das crianças negras.

Nossa proposição encontra apoio na pesquisa de Cavalleiro (2006, p. 44), quando infere que foi possível perceber “[...] a ausência de cartazes ou livros infantis que expressassem a existência de crianças não-brancas na sociedade brasileira”.

O livro narra a história de Tayó, uma menina negra que possui orgulho de seus traços africanos e principalmente de seus cabelos *black power*, porém enfrenta piadas racistas, vinda de seus colegas de classe, mas a personagem não se deixa abalar. Tayó com sua autoestima elevada e por possuir certeza da beleza dos seus cabelos, enfeita-os com vários adereços, como, por exemplo, estrelas, flores, laços e mostra todo seu empoderamento.

Por fim, ainda na roda de conversa, considerando as referências de artistas negras/negro e o empoderamento da personagem Tayó, fomentariamos uma discussão com as crianças, lançando perguntas acerca dos cabelos de cada uma, perguntas como: “Vocês sabiam que nossos cabelos podem contar muito sobre quem somos?”; “Como é seu cabelo? Qual é a cor dele?” e dialogariamos com elas as particularidades da história de Tayó: “Vocês sabem o que é o *black power*?”; “Será por que os amigos de Tayó não gostavam do cabelo dela?”. Compreendemos que discutir essas questões através da história é suscitar o autoconhecimento sobre elas próprias e sobre o coletivo, reflexões que vão possibilitar o sentimento de pertencimento no mundo e que as nossas diferenças são os que nos tornam únicos e únicas. Por fim, empoderadas, cada criança poderia responder as perguntas, falar sobre suas próprias produções expostas na parede e como foi seu processo de criação.

Ostetto e Melo (2019) apontam a necessidade de arrumação das produções das crianças no espaço de sala de atividades, para que elas se reconheçam como autoras e como pertencentes a aquele grupo, pois essa é uma forma de contribuição para que seja fortalecida a identidade “individual e coletiva”.

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

Concordamos com as autoras e acreditamos que a exposição das produções seja um modo de oferecer respaldo significativo para a aprendizagem e ao mesmo tempo a/o professora/professor consiga fazer uma reflexão do próprio trabalho.

5 Considerações Finais

Devido a pandemia da Covid-19 e as medidas de contenção do vírus, todos os nossos planos ficaram somente no campo das ideias. A professora, que estava acompanhando remotamente a construção de todo o planejamento, nos disponibilizou todas as ferramentas necessárias para finalizarmos a proposta do material educativo e a sequência das atividades.

Durante os encontros, apesar de muitas adversidades, conseguimos solucionar nossas dúvidas, revisamos o que era necessário e melhor elaboramos as atividades do nosso planejamento.

Quanto ao estágio realizado de forma remota, destacamos pontos negativos e positivos. O fato de não estarmos na sala de aula, não termos vivido o real e a beleza de todos os teus acasos a nosso ver foi um ponto negativo. As trocas virtuais foram interessantes, porém, a vivência era necessária. Viver a interação calorosa que é estar em corpo presente junto de nossos colegas em uma sala de aula, nos relacionar e trocar com nossos pares é ter a oportunidade de criar elos.

Além desse fator, a falta da vivência na escola e com as crianças, com certeza vai nos fazer falta futuramente. Não poderemos aplicar as atividades e ver como realmente poderia ser, as peculiaridades do que não pudemos prever, sentimos falta dos erros, das mancadas, do afeto das crianças, tudo isso nos levou a repensar a premência do estágio para a nossa formação inicial e o quão importante será a nossa formação continuada após sairmos da Universidade.

Podemos destacar como proveitoso, os textos sensíveis que discutimos, a leitura das práticas dessas/es autoras/es com certeza se transformou num grande repertório para nós. As

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

propostas de materiais educativos das/os nossas/os colegas de turma também nos fomentaram muitas ideias, bem como as discussões nos encontros virtuais e as trocas de ideias com a professora da disciplina de Estágio.

Consideramos importante a realização da sequência didática, pelo fato que pretendíamos tratar do conteúdo cor utilizando obras de artistas negras e negro, para ampliação do repertório das crianças e assim, apresentarmos artistas que trabalham temáticas afro-brasileiras, que costumam ser invisibilizadas/os por “tratarem de assuntos polêmicos”, pois “[...] a pluralidade étnica da sociedade e, principalmente, do espaço escolar constitui um tema que parece não ter importância para o desenvolvimento do trabalho escolar” (CAVALLEIRO, 2006, p. 48). Ressaltamos que essas referências quase não são discutidas, em contraponto são estudados/as sempre os/as mesmos/as autores/as por questão de comodismo, já sendo uma lição, de algo que não devemos continuar reproduzindo em nossa carreira profissional.

Nosso objetivo não é culpabilizar as/os professoras/professores por não conseguirem mudar a visão eurocêntrica reproduzida nas escolas, pois de acordo com Pimenta e Lima (2012, p. 21) “[...] o ensino não é um assunto individual do professor, pois a tarefa escolar é resultado das ações coletivas dos professores e das práticas institucionais, situadas em contextos sociais, históricos e culturais”.

Estar atenta/o, fazer-se presente no cotidiano, observar, avaliar os acontecimentos no entorno são ações coletivas realmente e não cabem somente a/ao professora/professor em executá-las, mas apenas o hábito de identificar estas ações é capaz de revirar concepções enclausuradas, engessadas e, questionar a normalidade se faz um exercício necessário na prática da/o professora/professor. De acordo com Libâneo (1991):

É preciso desenvolver o hábito de desconfiar das aparências, desconfiar da normalidade das coisas, porque os fatos, os acontecimentos, a vida dia-a-dia estão carregados de significados sociais que não são 'normais'; neles estão implicados interesses sociais diversos e muitas vezes antagônicos dos grupos e classes sociais (LIBÂNEO, 1991, p. 74, grifo do autor)

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

Ainda em relação as artes afro-brasileiras, Lombardi e Bologna (2021) apontam que:

Para que o trabalho com as artes afro-brasileiras possa acontecer na Educação Infantil, de forma que as crianças pequenas tenham acesso a pedagogias antirracistas e descolonizadoras, faz-se necessário analisar quais repertórios artísticos estão sendo apresentados aos/às professores/as em seus processos de formação, desde os campos do Teatro, da Música, da Dança e das Artes Visuais. Estudar arte afro-brasileira implica em repensar o repertório que se tem, em rever o que se estudou em termos da história do Brasil, das culturas aqui presentes, da importância da pessoa negra na construção da identidade nacional (LOMBARDI, BOLOGNA, 2021, p. 77).

No final de nossa trajetória da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado no Ensino da Arte na Educação Infantil, pudemos concluir que a/o professora/professor é uma peça fundamental no ensino de arte e principalmente na luta por uma educação antirracista. Porém é necessário que ela/e seja amparada/o por formações continuadas que tratem das temáticas étnico-raciais, pois assim poderão fazer a diferença no ensino de arte nas escolas com referências positivas de negritude e assim, garantir também o cumprimento da Lei 10.639/2003, que trata da obrigatoriedade do ensino de história das culturas africanas e afro-brasileira desde a Educação Infantil ao ensino médio.

Com a pandemia tivemos que nos reinventar, pensar possibilidades de continuar nossa formação inicial e nesse sentido fomos provocadas/os a buscar soluções, e aos pouquinhos, fomos também nos movendo, nos transformando.

Temos em mente que a estagnação de ações educativas não deve jamais ser um norteador de ensino. Nossas ideias precisam estar em constante mudança, pois é assim que o conhecimento se estabelece em nós, sendo revisitado a todo tempo para ser modificado e conectado em novos entendimentos e ser descartados outros que não são adequados.

Impossibilitar essas mudanças nas práticas docentes é também deixar de transmitir o sentido de aprender aos indivíduos. A docência é um território de pesquisa e criação intermitente.

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

Referências

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 5. ed., São Paulo: Contexto: 2006.

DE OLIVEIRA, Kiusam de. **O mundo no black power de Tayó**. Editora Peirópolis, 2013. Disponível em: <O mundo no black power de Tayó | Amazon.com.br> Acesso: 09/09/2021

GÓES, Margarete Sacht; ROSA, Tatiana Gomes. FORMAÇÃO DE PROFESSORAS (ES): ensino da arte para as relações étnico-raciais na Educação Infantil. **Revista Espaço do Currículo**, v. 14, n. 1, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/issue/view/2585>. Acesso em: 20 jul. 2021.

GONÇALVES, Edilma Mendes Rodrigues; BRITTO, Ana Luiza Floriano de Moura. **Ensino remoto na Educação Infantil em tempos de pandemia: reflexões acerca das novas formas de ensinar**. Revista Praxis, v. 12, n. 1 (Sup.), dezembro, 2020. Disponível em: <http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/praxis/article/view/3505>. Acesso em: 20 jul. 2021.

LIBÂNEO, Jose Carlos. **Didática**. São Paulo: Editora Cortez, 1991.

LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos.; BOLOGNA, Paula. Arte afro-brasileira como prática pedagógica na educação infantil: mediando cultura e relações étnico-raciais. **Educação Infantil Online**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. p.72–83, 2021. DOI: 10.24115/S2675-955120211124p.72-83. Disponível em: <https://periodicos.editorialaar.com/index.php/educacaoinfantilonline/article/view/24>. Acesso em: 25 jun. 2021.

MARTINS, Mirian; PICOSQUE, Gisa. Objetos propositores: a mediação provocada. In: **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Editora Arte por escrito/Rizoma Cultural. Content Stuff, 2008.

MARTINS, Mirian Celeste (coord.). **Curadoria educativa: inventando conversas. Reflexão e Ação** – Revista do Departamento de Educação/UNISC — Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n.1, jan/jun 2006.

MOURA, Eduardo Junio Santos. Decolonialidade e desobediência docente em Artes Visuais. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2016, Porto Alegre (RS). **25º Encontro Nacional da ANPAP**. Porto Alegre (RS), 2016. v. 1, pp. 297-312.

Partilhas docentes no EARTE
cor e arte afro-brasileira na educação infantil
Aline da Conceição Pereira
Isis dos Santos Alves

Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2016/comites/ceav/eduardo_moura.pdf. Acesso em 25 jun. 2021.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação infantil e arte: sentido e práticas possíveis.** – Acervo digital UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, 2011. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/320>. Acesso em 12 mai. 2021

OSTETTO, Luciana Esmeralda; MELO, Maria Isabel. **Na escola, na cidade, no museu: fazer e pensar artes visuais na educação infantil.** Revista GEARTE, v. 6, n. 3, 2019.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/271147223_ESTAGIO_E_DOCENCIA_DIFERENTES_CONCEPCOES. Acesso em 20 jun. 2021.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Leitura visual e educação estética de crianças.** Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 213-229, ago. 2015. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>. Acesso em 25 ago. 2020.

SARAIVA, Carola Freire. Arte e infância: experiência com imagens. In: 7º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação / 4º Seminário Internacional de Estudos Culturais em Educação., 2017, Canoas. **7º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação / 4º Seminário Internacional de Estudos Culturais em Educação.** Canoas: Universidade Luterana do Brasil, 2017. Disponível em: http://www.2017.sbece.com.br/resources/anais/7/1495640104_ARQUIVO_ArtigoCarolaSarai-va-Sbece2017.pdf. Acesso em 25 jun. 2021.